



ANÁLISE PÓS-COLONIAL DA OBRA *O MISSIONÁRIO*, DE INGLÊS DE SOUSA: A INFLUÊNCIA MISSIONÁRIA NA REGIÃO AMAZÔNICA

Maiara Malta Gonçalves¹

Mara Genecy Centeno Nogueira²

Valcélia Sampaio Peres³

RESUMO: As consequências da colonização aos territórios da América Latina deixaram inúmeras marcas, dentre elas o desaparecimento de inúmeras sociedades nativas e de suas culturas consideradas atrasadas e/ou bárbaras. No Brasil, o lastro deixado pelo colonizador foi de exploração das riquezas naturais e de total encobrimento cultural do Outro. Nesse sentido, a obra *O Missionário* (2010), do escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa, contribuiu para que, por meio de pesquisa bibliográfica, os elementos do discurso colonizador e que refletem a presença da empresa colonial na Amazônia pudessem ser analisados como objetivo principal da pesquisa em tela. Observar o trabalho catequizador na Amazônia colonial pelo viés pós-colonialista/decolonialista será um dos principais enfoques que procuramos enaltecer com a tecitura deste artigo. O próprio título do livro remete a uma análise. A influência missionária na região ainda estava presente no século XIX, e o personagem principal, padre Antônio de Moraes, tem como propósito catequizar os índios Mundurucus, demonstrando uma das facetas do processo colonizador. Para as reflexões serão usados autores como Quijano (2009), Dussel (1993), Gondim (1994) e Souza (2019).

Palavras-chave: Pós-colonialismo. Amazônia. Inglês de Sousa. *O Missionário*.

POSTCOLONIAL ANALYSIS OF THE WORK O MISSIONÁRIO, BY INGLÊS DE SOUSA: THE MISSIONARY INFLUENCE IN THE AMAZON REGION

ABSTRACT: The consequences of colonization to the territories of Latin America left countless marks, among them the disappearance of countless native societies and their cultures considered backward and/or barbaric. In Brazil, the ballast left by the colonizer was the exploitation of natural wealth and the total cultural concealment of the Other. In this sense, the work *O Missionário* (2010), by the writer from Pará Herculano Marcos Inglês de Sousa, contributed so that, through bibliographical research, the elements of the colonizing discourse that reflect the presence of the colonial company in the Amazon could be analyzed as an objective main part of the on-screen search. Observing the catechizing work in the colonial Amazon from a postcolonial perspective will be one of the main approaches that we seek to exalt with the weaving of this article. The book's title itself refers to an analysis. The missionary influence in the region was still present in the 19th

1 Mestranda do Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL-UNIR Email: maiaramalta@hotmail.com

2 Professora Doutora do Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL – UNIR Email: maracenteno@gmail.com

3 Mestranda do Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL-UNIR Email: valperes1972@gmail.com



century, and the main character, Father Antônio de Morais, aims to catechize the Mundurucus Indians, demonstrating one of the facets of the colonizing process. For the reflections, authors such as Quijano (2009), Dussel (1993), Gondim (1994) and Souza (2019) will be used.

Keywords: Postcolonialism. Amazon. Inglês de Sousa. *O Missionário*.

INTRODUÇÃO

O primeiro ato de fundação do conquistador começa, pois com a construção imaginária da figura do Outro. Em vez de entrar no mundo dos gestos, signos e símbolos que permitiram compreender o sentido e o poder da cultura e das instituições, dos mitos, dos símbolos e das palavras dos primitivos, o Ocidente apressou-se em desenhá-lo como o bom e o mau selvagem, o violento, o canibal, sem história, sem memória e sem formas de organização política. Ao entrar em contato com o Outro, os Ocidentais passaram a defini-lo através de um sistema de axiomas já consagrados. [...] Tomando, portanto, a sua própria imagem como modelo para o Outro [...] (NOVAES, 1999, p. 10).

As marcas deixadas pelo processo colonizador na América Latina são profundas e denotam muito bem as lentes que foram usadas para encobrir, sobretudo culturalmente, os nativos do chamado Novo Mundo. Como dito por Novaes (1999) na epígrafe, o conquistador procurou encontrar no nativo um espelho de si mesmo, ou seja, tentou vê-lo por meio da cultura europeia ou como dito, por seus axiomas já consagrados. Assim, a missão colonizadora empregada no que seria chamado de América Latina e, sobretudo, Pan-Amazônia, forjou o Outro ao classificá-lo na condição de selvagem, pertencentes a outra humanidade que não descendia de Adão e Eva e a subordinar os corpos de homens e mulheres à serviço da colonização.

Na Amazônia Brasileira a missão colonizadora não foi diferente, inúmeras sociedades foram encobertas em seus traços culturais, primeiro porque se tratavam de comunidades ágrafas, depois por serem consideradas diferentes e, conseqüentemente, povos considerados também sem história, acabaram por serem lidas pelo enfoque dos colonizadores.

Nesse sentido, a marca da colonização se fez presente na forma de se ver e ler a Amazônia. Não é difícil encontrarmos tais marcas discursivas na Literatura, como observaremos na obra *O*



Missionário, de Inglês de Sousa. E por meio do referido romance objetivamos refletir sobre a influência missionária na Amazônia, usando como base teórica autores do pós-colonialismo/decolonialismo como Quijano (2009), Bonnici (1998), Dussel (1993), Gondim (1994), Memmi (2007) e Souza (2019).

Para construção do artigo em tela seguimos a seguinte roteirização. Primeiramente abordaremos o autor e o contexto social e histórico que ambientam o romance e suas personagens em pleno século XIX; depois refletiremos sobre a ação missionária na Amazônia e, posteriormente, analisaremos a atuação do padre Antônio no exercício de seu sacerdócio.

1. INGLÊS DE SOUSA: O CONTEXTO DE SUA ESCRITA E DE SUA ÉPOCA

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu no estado do Pará, na cidade de Óbidos, em 1953. Teve várias atuações, sendo advogado, escritor, jurista, e participou inclusive da vida política. Saiu do Pará ainda jovem para o Maranhão para estudar, mas também viveu no Rio de Janeiro e foi para Recife estudar direito, tendo concluído os estudos em São Paulo. Teve importante participação na imprensa do século XIX.

O escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) não foge à regra, pois seus primeiros livros, antes de serem editados, são publicados nos jornais. Além disso, o autor participa como colaborador, fundador e editor de periódicos em Recife (PE), Santos (SP) e São Paulo (FERREIRA, 2015, p.12).

O escritor volta para o Rio de Janeiro e participa da fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897:

Não foi, pois, sem razão que Inglês de Sousa entrou para a ABL: era ele, à época, reconhecida expressão da ficção brasileira, e sua obra, ainda hoje, embora esquecida, o recomenda como uma das figuras mais admiráveis do romance brasileiro. E que se elegeu Tesoureiro da Academia, ao lado do Presidente Machado de Assis (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2003, p. 156).

É imperioso destacarmos que as obras de Inglês de Sousa refletem as suas lembranças de infância no interior do Pará e, conseqüentemente, contexto político e social no qual vivia. A vila de Silves e seus arredores correspondem a um retrato da vida social, política e econômica na qual a

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 50-63, 2021

Amazônia vivenciava no final do século XIX. Ou seja, com uma economia baseada no extrativismo, cercada pelos rios e onde os indígenas em sua maioria estavam “civilizados” e/ou colonizados.

Seu romance de estreia foi *O Cacauleta*, em 1876. No mesmo ano publicou *História de um Pescador* e *O Coronel Sangrado*, em 1891 e *O Missionário*, livro o qual é analisado nesse artigo. Classificado como um escritor realista-naturalista, há uma discussão entre os críticos sobre Inglês de Sousa ser considerado o fundador do realismo no Brasil, apesar de a crítica canônica apontar o romance *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo como a gênese do movimento realista. “É fato que as primeiras publicações datadas de 1876 e 1877, não tiveram uma grande repercussão, mas alguns críticos consideram o romance *O coronel Sangrado* como o inaugurador da corrente realista na literatura brasileira.” (FERREIRA, 2015, p. 13). Cabe-nos ainda destacar que para além da polêmica sobre o realismo, Inglês de Sousa se consagrou um escritor naturalista com a obra *O Missionário*.

O naturalismo de fato é bem visível na obra aqui pesquisada. Sai de cena a subjetividade e idealizações do romantismo, e entram a objetividade e inquietações humanas, as angústias do homem, sua hereditariedade e a influência do meio no qual vive. São justamente essas características que evoluem o personagem principal do romance, o jovem padre Antônio de Moraes. Em sua infância, o garoto vive em um sítio cercado pela natureza, gozando da liberdade dos banhos de rio, e de corridas atrás dos animais. Sem grandes perspectivas, criado por um pai tirano e uma mãe submissa, o padrinho o leva para o seminário. Antônio então tem seus instintos domados pela doutrinação cristã, mas se vê novamente envolvido pelo meio e influenciado pela herança da devassidão do pai quando sai da comunidade de Silves, a qual fora designado para ser o pároco, em busca de catequizar os temidos indígenas Mundurucus selva adentro. Ao parar acidentalmente no sítio de João Pimenta, avô da mameluca Clarinha, não resiste aos instintos carnis e vive um tórrido romance com a referida mameluca que é apontada como fruto de um romance entre sua genitora e o padre João da Mata, vigário de Maués, conhecido por uma conduta não exemplar.

O romance revela-nos na atitude do avô de Clarinha, um dos efeitos da colonização, ou seja, a subserviência aos padres. Não viu no pedido de Antônio Moraes para levar sua neta para Silves, como algo perigoso. Sua atitude reflete bem o domínio do colonizador sobre o colonizado, ou seja, não havia questionamentos, somente cabia obedecer.

João Pimenta, na indiferença da sua estupidez de antigo tuxaua convertido ao cristianismo, acostumado à subserviência as ordens de padre João da Mata, não achara palavra no seu pobre vocabulário para opor à deliberação dos netos, e concordara com a viagem como se se tratasse da coisa mais simples e natural do mundo. No furo da Sapucaia, no pitoresco *bom retiro* do defunto padre santo, apenas ficara a Faustina, a preta velha, para cuidar dos numerosos xerimbabos que a moça sustentava (SOUSA, 2010, p. 315, grifo do autor).

O século XIX foi conturbado na região amazônica, tendo logo em seu início a Cabanagem (1835-1840), revolta que aconteceu na província do Grão-Pará, provocada pela pobreza do povo (índios, mestiços, escravos, negros forros) e desejo das elites em participar da política e administração local, que estavam descontentes com o governo central pós-independência (1922).

A Amazônia no século XIX ainda dependia do extrativismo enquanto a Revolução Industrial acontecia velozmente na Europa. Com uma economia frágil, o governo nacional não favorecia a região que, além de tudo, ficava distante do poder central.

S. Rev.ma mostrou nada haver de mais contrário ao ensinamento cristão, às eternas verdades da Lei, do que essa ardente preocupação pelos bens terrenos que levava as suas ovelhas queridas a abandonarem o serviço do Senhor, para irem, *na sôfrega ambição de ganhar dinheiro*, perverter a alma no ermo dos castanhais, onde todos os anos se reproduziam cenas muito pouco dignas de gente católica, apostólica e romana (SOUSA, 2010, p. 91-92 grifo do autor).

Nota-se então esses traços econômicos percebidos na obra em questão, onde a Amazônia dependente continuava a servir o capitalismo.

2. A INFLUÊNCIA MISSIONÁRIA NA AMAZÔNIA: BRAÇO COLONIZADOR

Legalmente instituídos por Deus, os conquistadores tinham total autonomia no processo de colonização. Era um favor àqueles nativos instruí-los na fé cristã para que saíssem da imaturidade e barbárie. No Brasil, os responsáveis por educar os índios no cristianismo a partir do século XVI foram principalmente os jesuítas. Os missionários monopolizavam o trabalho indígena e os educavam conforme os preceitos cristãos.

O colonizador cria a imagem do colonizado, imputando a ele características negativas que justificam a exploração. Memmi aponta como essas características a preguiça, a debilidade, a

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 50-63, 2021

perversidade. “Pouco importa ao colonizador o que o colonizado realmente é.” (MEMMI, 2007, p. 121). Sendo sempre tratados no plural, assim percebemos o tratamento do padre Antônio aos Munducurus. Sempre no plural, sem particularidades, como seres necessitados de conversão religiosa e civilidade.

Enfim, o colonizador nega ao colonizado o mais precioso direito reconhecido à maior parte dos homens: a liberdade. As condições de vida feitas para o colonizado pela colonização não a levam em conta de nenhuma maneira, nem sequer supõem. O colonizado não dispõe de saída para deixar seu estado de infortúnio: nem de saída jurídica (a naturalização) nem de saída mística (a conversão religiosa): o colonizado não é livre para decidir se é colonizado ou não colonizado (MEMMI, 2007, pág. 123-124).

No início do século XIX, pós Cabanagem, revolta que terminou em 1940, deixando aproximadamente 30 mil mortos, a mão de obra se tornou escassa na região. (HENRIQUE, 2015). Nesse período os jesuítas já haviam sido expulsos do Brasil durante o governo do Marquês de Pombal, em meados do século XVIII. Com o decreto 426 de 1845, os Capuchinhos ficaram responsáveis pela catequização dos índios no país. De acordo com Henrique (2015), nem todas as missões na Amazônia, especificadamente nas províncias do Pará e Amazonas, que correspondiam a quase totalidade da região, duraram muito tempo. Algumas, como a do Rio Madeira (1849) não chegaram a durar um ano; enquanto outras como a do Alto Tapajós (1872-1884) duraram vários anos. Algumas ficavam sem missionários por anos, e também reuniam índios de uma mesma etnia, o que não acontecia no período colonial. Na década de 1950 houve um grande número de missões, 13, enquanto que na década de 1960 os aldeamentos ficaram a cargo de particulares, uma vez que as missões capuchinhas estavam desacreditadas. No início da década de 1970, chegam novos missionários na região.

Na obra *O Missionário*, o padre Antônio de Moraes e o sacristão Macário partem de canoa em busca dos índios Mundurucus, a fim de catequizá-los. Uma viagem penosa, com muitos obstáculos naturais que refletem as condições hostis da selva ao viajante que não pertence àquela realidade.

Sabia que se expunha a perder-se em pleno rio ou sob a torrente impetuosa de alguma cachoeira, a ser envenenado pelo impaludismo, a ser devorado pelas feras da floresta, esmagado por altas terras ou por cedros gigantescos. Mas passar noites
Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 50-63, 2021

sem dormir, a matar mosquitos, gastando a resignação e a paciência em tão mesquinhos e vulgares sofrimentos, em tão ridículas provações, não o podia levar a sangue frio. Os malditos não se limitavam a morder... cantavam, e aquele zinzim contínuo e monótono bulia-lhe com os nervos, perturbava-lhe a calma do espírito, apertando-lhe o coração num desespero infantil (SOUSA, 2010, p. 202).

Gondim (1994) discute sobre o encantamento dos viajantes estrangeiros com a floresta, que logo é substituído pela solidão e desespero frente às condições inóspitas da selva, o que acaba refletindo na classificação dos nativos. Como seres humanos poderiam resistir a tamanhas adversidades?

De uma forma quase sempre parecida, o deslumbramento inicial ante a pujança da natureza é seguido por um como que descontentamento pela não comprovação de, talvez, uma imagem idílica ou paradisíaca – figura arquetípica- de um mundo natural que não recebe o viajante, o navegador, com as comodidades que ele gostaria que acontecessem. O estrangeiro é sufocado pela natureza que o martiriza com sua fauna e flora aérea ou rasteira. Depois desse rito de passagem profano – o cerimonial é solitário, não comunal - uma quase familiaridade com a natureza o autoriza a transferir para o nativo a sua amargura, que se traduz na incapacidade de sobrevivência em local tão exótico sem a ajuda do homem da terra. Sua incapacidade de abarcar a totalidade, de exercer seu domínio – é um Adão destronado e decaído – é minimizada pela procura de traços diferenciadores dos nativos, que lhe anularão a humanidade; de elementos da terra, passam a usufruir o estatuto de agentes perturbadores daquela ordem natural (GONDIM, 1994, p. 51).

Henrique (2015) nos traz a informação de que alguns Mundurucus procuraram os aldeamentos no século XIX, porém o desejo não era o de se tornarem cristãos e civilizados, mas sim fugir de uma peste que estava matando a população. Houve índios que resistiram às tentativas de catequização no século XIX, tais como os Uaimirys. Além disso, algumas tribos atacavam as missões, para matar ou dispersar tribos de outras etnias (Henrique, 2015). Além disso, muitos índios moravam em seus sítios, visitando o aldeamento quando lhe era conveniente. Esse parece ser o caso dos Mundurucus.

Muitos outros índios moravam em sítios fora dos aldeamentos, o que revela que as missões não eram espaço de total controle dos índios pelos religiosos. O fato de viverem em sítios fora das aldeias e não considerarem os aldeamentos como sua residência aponta para um tipo de relação com a espacialidade das missões que escapava à autoridade dos missionários. Constituíam-se, assim, curioso paradoxo em que, muito embora figurassem nas listas das autoridades como reunidos em aldeamentos, os índios viviam fora desses espaços, negando a autoridade dos



missionários e diretores. A recusa dos índios em morar na sede dos aldeamentos levava muitas vezes à extinção destes (HENRIQUE, 2015, p. 142).

As missões ficavam à beira dos rios, as estradas da floresta, com vias de facilitar a comunicação e as relações comerciais. Uma das explicações para o fracasso das missões seria o contato dos índios com os regatões, responsáveis pelo comércio de produtos pelos rios. Eles aparecem no romance de Inglês de Sousa, como comerciantes conhecedores dos caminhos dos rios.

A viagem continuará por três longos dias, depois de terem, à boca do Ramos, encontrado um regatão de nome José de Vasconcelos, que lhes ensinara o caminho para chegar ao grande rio Abacaxis, enfiando pelo extenso e piscoso furo de Uraná (SOUSA, 2010, p. 170).

Os regatões eram possuidores de vários itens que agradavam aos indígenas, tais como tecidos, cachaça, farinhas e bugigangas como espelhos, pentes, anzóis, que entram trocadas por drogas do sertão, como cacau, copaíba, castanhas, borracha, canela, cravo, entre outros (HENRIQUE; MORAIS, 2014). Sempre presentes no contato com o índio, os regatões foram vistos como barreiras no processo civilizatório dos índios imposto pelas missões. Diante disso, o bispo do Pará, d. Marcelo Costa, criou a ideia de um barco missionário, um navio-Igreja que navegaria pelo interior do Estado a fim de cumprir com a catequização dos índios e educação dos habitantes, o Cristóforo. Porém a ideia não foi concretizada (HYGINO apud HENRIQUE; MORAIS, 2014). Interessante perceber no romance que o padre Antonio de Moraes tem essa mesma ideia: “S. Ex.^a Rev.^{ma} imaginara a construção de um navio-igreja, que se chamaria *Cristóforo*, isto é, o que leva a Cristo, e navegaria todos os grandes afluentes do Amazonas, evangelizando os povos” (SOUSA, 2010, p. 180, grifo do autor).

Revela-se, portanto, que no século XIX era forte a presença missionária na Amazônia. *O Missionário*, título do romance, remete a essa questão tão presente no processo colonizador português.

O pano de fundo português e espanhol é a formação de um Estado autoritário centrado na figura do monarca sob o manto da igreja de Roma. O pé que calcou as terras jamais vistas foi o do colonizador e o do missionário, fundidos em uma mesma pegada. A anunciação do Evangelho a todos os povos foi um dos motes para a legalização da conquista (GONDIM, 1994, p. 51).

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 50-63, 2021

Inglês de Sousa estava atento ao contexto da sua região natal, embora tenha saído ainda criança do Pará. As conturbações políticas, os personagens desse complexo sistema social não passam despercebidos pelo autor, que inclusive traz para o enredo o navio-Igreja que foi pensado, como nos revela os documentos oficiais. Todo esse complexo social foi formado pelo sistema colonialista, ou seja, a estrutura de dominação e exploração que teve sua sede em Portugal. Mesmo no pós-independência, as estruturas ainda ficaram enraizadas ao longo desses anos, gerando assim uma colonialidade do poder.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2009, p.73).

Os índios formam uma das novas identidades societais da colonialidade, e toda essa teia se trata de “um novo universo de relações intersubjectivas de dominação sob hegemonia eurocentrada. Esse específico universo é o que será depois denominado como a *modernidade*.” (QUIJANO, 2009, p. 74, grifo do autor). As missões não tinham apenas objetivo religioso, mas também o de inserir o indígena no processo capitalista de trabalho e de acumulação de bens, o que nem sempre era obtido com sucesso, devido ao sistema social indígena não possuir a lógica capitalista.

3. PADRE ANTÔNIO DE MORAIS: UM AGENTE DO SISTEMA COLONIZADOR

Antes do personagem principal do romance, Antônio, se tornar um agente do processo colonizador, convém pensar no cenário de onde o então menino sai antes de entrar para o seminário. Vivendo em um sítio nos sertões da Amazônia, filho de um pai autoritário e uma mãe resignada, não havia perspectivas de uma vida melhor que aquela.

Os filhos viviam à solta, sempre longe de casa, nos campos, no rio, no curral, para fugir à presença terrível do velho e à negra melancolia que devorava a pobre mãe desgraçada. Antônio era o mais velho e o mais peralta. O padrinho, o comandante superior, admirava-lhe a viveza, e um dia resolvera tomá-lo sob sua proteção e mandá-lo à sua custa para o Seminário, a fim de receber educação conveniente. (SOUSA, 2010, p. 36)

A solução para fugir ao isolamento da selva e obter uma educação formal era o seminário ou convento. Após formado padre, vai para a pequena vila de Silves, onde levado pelo desejo de vaidade e ambição, resolve partir para catequizar os índios Mundurucus, considerados bárbaros e selvagens. “Desejava ir ao porto dos Mundurucus, converter os selvagens, trazê-los ao seio da religião católica, e ao mesmo tempo libertar o Amazonas dessa terrível praga de índios bravos que lhe entorpeciam o progresso” (SOUSA, 2010, p. 141).

Nota-se a classificação dos índios como selvagens e bárbaros. Essa classificação usou como base o padrão eurocêntrico de civilidade. Eram conhecidos como homens sem lei, sem fé, sem rei, e as riquezas da região eram exploradas a todo custo.

Em 250 anos, os europeus se mostraram extremamente repetitivos. Chegaram em busca de riqueza e se deram conta da falta de mão de obra. Assaltaram as populações indígenas, apresaram escravos, mas a carência de mão de obra persistiu. Esse ciclo começou muitas vezes, com as populações indígenas pagando um preço elevado. A Amazônia como hoje a conhecemos é fruto dessa cega perseverança. Os colonizadores pensaram em construir uma unidade produtiva, mas só lograram demarcar uma fronteira econômica (SOUSA, 2019, p. 76).

Era preciso modernizar as populações. Surge então o mito da modernidade que, como afirma Dussel (1993), encobre a violência sacrificadora do Outro em nome de uma missão ao qual o europeu, ápice da evolução humana, não poderia fugir. Eles tinham o dever de modernizar o ser rude, o bárbaro, o inferior, o imaturo, que sai do estatuto de vítima para o de próprio culpado da sua condição, invertendo os valores dos envolvidos.

Os relatores não podiam escapar desse caráter, nem podemos obrigá-los a contrariar uma estrutura fechada como a da empresa portuguesa. Eles tinham que partilhar de tudo e nunca suscitar conceitos fora da mecânica teológica (SOUSA, 2019, p. 107).

E como terra tão exuberante teria pessoas e animais tão primitivos? Os colonizadores buscavam respostas no clima da região.

Certamente, o clima deveria ser o responsável pelos atos bestiais, endurecimento do caráter e envelhecimento precoce do autóctone. Essas perguntas geralmente acompanhavam os viajantes, e as respostas ora encaixavam-se na vertente infernista, ora na edênica, ou ainda justificavam a catequese (GONDIM, 1994, p. 14).

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 50-63, 2021

O índio fará parte de muitas discussões sobre sua natureza. “E, quando acontece um desentendimento sério entre o destino terreno e a preparação do índio para o céu, este será apenas transferido da zoologia fantástica para um capítulo do direito canônico” (SOUZA, 2019, p. 105). O índio nunca terá sua cultura considerada, e nunca terá voz. Padre Antônio de Moraes busca cumprir essa missão civilizadora através da catequese quando parte rumo aos índios Mundurucus:

Refletira longamente, pesara bem as dificuldades, os riscos da santa empresa que ambicionava realizar, mas agora estava decidido, nada o poderia demover do seu humanitário projeto. Iria levar aos mundurucus a palavra sagrada de Jesus, e Deus que lê no coração, Deus que conhece e experimenta as vocações lhe daria as forças necessárias a tão grandioso cometimento (SOUZA, 2010, p. 143).

O personagem claramente quer cumprir com essa missão. “Via-se entre os mundurucus a pregar o Evangelho, a reduzi-los à civilização e à fé do catolicismo” (SOUZA, 2010, p. 205). Não lhe fora ordenado, mas em seu íntimo estava presente os valores ensinados no seminário, fruto do contexto histórico no qual a Igreja Católica estava inserida. De acordo com Gondim (1994), a anunciação do evangelho a todos os povos fez parte da legalização da conquista. Diante do fracasso do processo catequizador, o uso da força foi sugerido. Não há linha divisória entre colonização e catequização, já que uma vez dominados os territórios e corpos, era preciso dominar o imaginário e a cultura. Dussel (1993) afirma ser um processo contraditório, onde prega-se o amor da religião cristã no meio da conquista irracional e violenta. A conquista espiritual é o encontro de dois mundos, o domínio sobre o imaginário. Os nativos veem negados os seus direitos, seus deuses, seu mundo, em nome de um deus estrangeiro (DUSSEL, 1993). Sem dúvida um dos piores traços de todo o processo colonizador, pois o domínio do imaginário apagou todo um mundo próprio dos nativos, que perderam o direito de ser quem são ao serem reprimidos. E Deus era o fundamento,

Depois de “descoberto” o espaço (como geografia), e “conquistados” os corpos, diria Foucault (como geopolítica), era necessário agora controlar o imaginário a partir de uma nova compreensão religiosa do mundo da vida. Deste modo o círculo podia se fechar e o índio ficar completamente incorporado ao novo sistema estabelecido: a Modernidade mercantil-capitalista nascente – sendo, todavia, sua “outra face”, a face explorada, dominada, encoberta. (DUSSEL, 1993, p. 59-60).

Desta forma, o encontro não aconteceu, pois na verdade tudo que remetia ao índio foi apagado. “O conceito de ‘encontro’ é encobridor, porque se estabelece ocultando a dominação do ‘eu’ europeu, de seu ‘mundo’, sobre o ‘mundo do Outro’, do índio (DUSSEL, 1993, p. 64). Não houve diálogo, e assim percebemos essa postura no personagem padre Antônio de Moraes, que busca apagar a cultura dos Mundurucus, para que eles se tornem civilizados, e ele seja reconhecido pela Igreja como um agente fiel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de um dos elementos colonizadores já é observada no título da obra, *O Missionário*. Aos missionários católicos no processo de colonização estava atribuída a função de educar e catequizar os nativos. Não é possível afirmar que Inglês de Sousa tenha escrito essa obra com a função de criticar o processo de catequização indígena. É notório ainda a influência estrangeira na literatura brasileira da época, o que pode ser explicado pelo processo de colonização.

Durante o período de dominação européia, quando mais de três quartos do mundo estavam submetidos a uma complexa rede ideológica de alteridade e inferioridade, os encontros coloniais deram um golpe duro à cultura indígena, considerada sem valor ou de extremo mau gosto diante da suposta superioridade da cultura germânica ou greco-romana. Portanto, o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil a padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista (BONNICI, 1998, p. 7-8)

Mas, pelo que foi observado, o autor estava ciente de todo o complexo social, político, cultural e religioso que envolviam a Amazônia no século XIX. O autor transpassa o ideário religioso de castidade para mostrar que o personagem embora fosse padre, tinha seu caráter moldado pela sua herança ancestral e pelo meio no qual vive. Características do movimento realista-naturalista ao qual pertencia. A fim de satisfazer sua vaidade, sua missão se baseia em todo o sistema no qual o garoto do interior da floresta foi moldado, ou seja, sua educação no seminário.

Os estudos pós-coloniais ajudam a enxergar as intrínsecas consequências da colonização nas sociedades exploradas. E uma das análises remete ao campo da literatura. Bonnici (1998) afirma que as literaturas nacionais passam por etapas em seu desenvolvimento, sendo: “(1) a imitação de um



padrão dominante e sua assimilação ou internalização; (2) a rebelião, onde tudo o que foi excluído pelo padrão dominante começa a ser valorizado” (BONNICI, 1998, p. 18).

Alguns autores usam suas vozes regionais para retratar as visões internas das periferias. Todo o complexo social descrito em *O Missionário* teve uma visão de um autor local, o que fornece uma releitura da região amazônica, pois traz detalhes sociais desconhecidos pelo restante do país, o que pode ser uma transição entre as etapas de desenvolvimento da literatura. O personagem principal, o missionário ao qual o título se refere, é fruto do processo que remonta aos tempos primários, desde o descobrimento, ou encobrimento dos povos nativos. Sendo assim, é possível, através do enredo, perceber as nuances desse complexo. Eis um ponto interessante a se destacar: a colonização acaba sendo reproduzida pelos próprios autóctones. Os dominadores e os dominados de hoje são consequência de todo o complexo que vem se perpetuando há mais de quinhentos anos.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Revista Brasileira**. Ano IX Nº 37. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-37.pdf>. Acesso em 18 de jan 2021.

BONNICI, Thomas. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf. Acesso em 18 de jan 2021.

DUSSEL, Henrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**: Conferências de Frankfurt/Enrique Dussel. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FERREIRA, Marcela. **Inglês de Sousa: imprensa, literatura e realismo**. Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis-

Universidade Estadual Paulista: Assis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127922/000847875.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 18 de jan 2021.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.



HENRIQUE, Márcio Couto (2015). A perspectiva indígena das missões religiosas na Amazônia (Século XIX). **História Social**, 2(25), 133-156. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1840>. Acesso em 14 de jan 2021.

HENRIQUE, Márcio Couto; MORAIS, Laura Trindade de. Estradas líquidas, comércio sólido: índios e regatões na amazônia (século XIX). **Revista de História**. N 171, p 49-82, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/89007/91909>. Acesso em 18 de jan 2021.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NOVAES, Adauto. **A Outra Margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.

SOUSA, Inglês de. **O Missionário**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2019.